Micro-putaria

LEO BARTH

Senhoras e senhores
A vida passa
A revolta permanece
Como vodka infinita
Espaço perene como três bestas-feras alinhadas
E quem se importa
Gritava ao desespero
Quando o vento seco batia a cara
E as meninas dormiam como anjos empalados
E a sacerdotisa bufava
N sabia onde estava
Sem livro para entrega
E estava mais forte
Lahlayara me bateu à cara e tocou a real
Acorda, filho da puta!
És meu escravo e de mais ninguém
E lia versos de Cícero Maik
E cantava pelos cotovelos
Mas estava melhor
Havia acordado da demência passageira
E toquei o foda-se
E gritei no rabo do mundo
Fumo aos incompetentes
Já voltara a ser sarcástico
Banhava-me em merda e renascia

Pensava ser linda — era morna
Norma à baixa resiliência
Empatia e afins
Ao fundo o som do Keith Richards
Que mais parecia morto
E isso lhe dava vida
¿E o que era vida?
Hoje estava seco para ler Karl Barth

Leo Barth, nasceu em 1984. Delmirense dividido entre sertões e capital do caos. Começou a escrever por causa da Teologia. "Homem que nasceu morto, e que se acha em cada esquina, poeta de bêbados e esquizofrênicos, delimitado pelo caos particular, e autor de nada". É notável entre os novos poetas trágicos-febris, um dos nossos maiores poeta do underground alagoano. Tem uma filosofia existencial-literária parecida com o grande Macedônio Fernandez, que escrevia compulsivamente sem muito importar-se com publicações. Boêmio, Machadiano e acadêmico, o autor possui centenas de poemas inéditos, produzindo-os desde 2001. É co-fundador do grupo "Arborosa", de poesia, arte visual e fotografia, e editor do staff da Edições Parresia. Publicou na Utsanga (Itália) revista de poesia experimental, e em revistas brasileiras.

Fotografias: JR Korpa e Quinten de Graaf (Capa)
Diagramação: Taciana Oliveira

MIRADA